



Breves  
VIDA CRISTÃ

# Criar a unidade de vida

"Em espírito e em verdade"  
Onde Deus quer



Guillaume Derville

# CRIAR A UNIDADE DE VIDA

*[www.opusdei.org](http://www.opusdei.org)*

# Índice

- ‘Em espírito e em verdade’: criar a unidade de vida (1)
- Onde Deus quer: criar a unidade de vida (2)

## ‘Em espírito e em verdade’: criar a unidade de vida (1)

Deus deseja adoradores “em espírito e em verdade” (Jo, 4,24), diz Jesus à samaritana em seu diálogo junto ao poço de Sicar. Toda a existência de um cristão está chamada a fazer-se adoração do Pai (Jo 4,23), sem que haja espaços onde a luz de Deus não entre: esse é o culto espiritual (cfr. Rom 12,1) pelo qual chegamos a ser templos vivos de Deus, pedras vivas de seu templo (cfr. 1Pd 2,5).

“Faz um altar de teu coração”[1], diz-nos São Pedro Crisólogo. Para sermos um altar, não basta com dar: é necessário dar-se. Tudo em nossa vida deve se purificar, em união profunda com a hóstia verdadeiramente agradável a Deus, o sacrifício de Cristo. Dessa forma, pouco a pouco, cria-se a unidade de vida e se preenche o abismo que o pecado abre entre a fé e a vida. Sem desanimar-nos diante das dificuldades, descobrimos a maravilhosa realidade de que, onde quer que estejamos, tudo contribui para nosso bem, se nos refugiarmos no Amor eterno de Deus Uno e Trino, cuja presença ilumina toda a nossa vida.

“O olho é a luz do corpo. Se teu olho é são, todo o teu corpo será iluminado” (Mt 6,22). Se nossas intenções são retas, se estão encaminhadas a Deus e aos outros n’Ele, então todas as nossas ações se dirigirão ao bem, em uma “unidade de vida simples e forte”[2], porque “tudo pode e deve levar-nos a Deus”[3]. No entanto, com frequência, podemos esquecer esta realidade. Por isso, do ponto de vista espiritual, a formação dada aos fiéis da Obra tende a criar em cada um a unidade de vida que é característica essencial do espírito do Opus Dei. Essa unificação reforça cada vez mais a nossa identidade de filhos de Deus em Cristo, pela força do Espírito Santo, que vivifica tudo por meio da caridade e nos impulsiona à santidade e ao apostolado nas ocupações de nosso dia.

### **A unidade de vida de Jesus**

A unidade de vida “tem como nervo a presença de Deus, nosso Pai”[4] e é, pelo Espírito Santo, participação na suprema unidade do divino e humano realizada na Encarnação do Filho de Deus”[5]. Cristo é “princípio de paz e unidade”[6]: Ele está sempre unido a seu Pai e pede-Lhe que nos santifique na verdade (cfr. Jo 13,17). Seu alimento, o que lhe dá a vida, é fazer a vontade do Pai (cfr. Jo 4,34). Tudo está orientado a essa missão, do momento da encarnação (cfr. Hb 10,5-7) até quando sobe a Jerusalém, caminhando diante dos seus discípulos com a pressa do amor (cfr. Lc 19,28). Seus milagres confirmam as suas palavras, e a multidão comenta sem hesitar que “Ele fez bem todas as coisas” (Mc 7,37).

São Josemaria costumava ver, nesse entusiasmo popular – “fez bem todas as coisas” –, não somente os milagres que maravilham a tanta gente, mas no fato de que Cristo “acabou tudo bem, terminou bem todas as coisas, não fez mais que o bem”[7]. No Senhor, consagração e missão formam uma unidade perfeita. “Não é possível separar em Cristo o seu ser de Deus-Homem da sua função de Redentor. O Verbo se fez carne e veio à terra *ut omnes homines salvi fiant*, para salvar todos

os homens (1 Tim 2,4)”[8]. Por isso se aplicam a Jesus de modo eminente aquelas palavras de Isaías que Ele mesmo proclamou na sinagoga de Nazaré: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres...” (Lc 4,18; cfr. Is 61,1). Jesus é o Deus e homem perfeito que viveu sua vida terrena em total unidade de vida “na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime”[9]. Ele descobre, a cada um, a sua chamada a reconciliar-se com Deus e a atrair com alegria para essa reconciliação, o âmbito que Deus lhe confiou no mundo. (cfr. 2 Cor 5, 18-19).

## **O divórcio entre a fé e a vida cotidiana**

**Embora já se tenha realizado para sempre na Pessoa do Senhor, esta reconciliação pessoal e social está ainda caminhando para essa plenitude, para Cristo. Como nos tempos do Concílio Vaticano II, “Este divórcio entre a fé que professam e o comportamento quotidiano de muitos deve ser contado entre os mais graves erros do nosso tempo. Já no Antigo Testamento os profetas denunciavam este escândalo; no Novo, Cristo ameaçou-o ainda mais veementemente com graves castigos”[10]: “Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou odiará a um e amará o outro, ou dedicar-se-á a um e desprezará o outro” (Mt 6,24).**

A incoerência de vida em que sucumbem muitas pessoas, tenham fé ou não, é uma falta de harmonia e de paz que quebra o equilíbrio pessoal. Isso não deveria surpreender porque “é ignorar que o homem possui uma natureza ferida, inclinada ao mal, que dá lugar a graves erros no domínio da educação, da política, da ação social e dos costumes”[11]. A unidade de vida é crucial para todos, e de modo especial para os leigos, como ensina São João Paulo II: tudo tem que ser uma oportunidade para a união com Deus e serviço aos outros[12]. O trabalho profissional de um cristão é consistente com a sua fé. “Aconfessionalismo. – Neutralidade. – Velhos mitos que tentam sempre remoçar.

Tens-te dado ao trabalho de meditar no absurdo que é deixar de ser católico ao entrar na Universidade, ou na Associação profissional, ou na sábia Academia, ou no Parlamento, como quem deixa o chapéu à porta?”[13].

Essas palavras têm grande atualidade: Deus não pode se deixar encurralar por um secularismo que se erige como religião sem Deus. O Papa Francisco convida a “identificar a cidade a partir de um olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé que descubra Deus que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças. A presença de Deus acompanha a busca sincera que indivíduos e grupos realizam para encontrar apoio e sentido para a sua vida. Ele vive entre os cidadãos promovendo a solidariedade, a fraternidade, o desejo de bem, de verdade, de justiça. Esta presença não precisa ser criada, mas descoberta, desvendada. Deus não Se esconde de quantos O buscam com coração sincero, ainda que o façam tateando, de maneira imprecisa e incerta”[14].

## **Alegrear-nos na tempestade**

Os cristãos, selados pela cruz no batismo, sempre conheceram perseguição. “Toda a vida de Cristo estará sob o signo da perseguição. Os que são Seus compartilham-

na com Ele (cfr. *Jn 15,20*)”[15]. Diante da perspectiva de exílio, São João Crisóstomo, o grande orador do Oriente, não perdia a confiança: “Muitas são as ondas que nos põem em perigo, e uma grande tempestade nos ameaça; no entanto, não temos medo de afundar, porque estamos de pé sobre a rocha. Mesmo quando o mar irrompe, não vai quebrar esta pedra. Embora as ondas se levantem, nada poderão contra o barco de Jesus. Digam-me: o que podemos temer? A morte? Para mim, viver é Cristo e a morte é lucro. Será o exílio? Do Senhor é a terra e tudo o que a completa. O confisco dos bens? Nada trouxemos para o mundo, de modo que nada podemos levar dele. Eu rio de tudo o que é assustador neste mundo e de seus bens. Eu não temo a morte nem invejo a riqueza. Não tenho nenhum desejo de viver se não for para o seu bem. Por isso eu lhes falo do que acontece agora exortando vossa caridade a confiar”[16].

As dificuldades de dispersão que o mundo nos apresenta não devem nos desanimar. Contemporâneo do Crisóstomo, Santo Agostinho pregava mais a alegria do que o lamento: “Por que, então, você tem que pensar que qualquer tempo passado foi melhor do que os atuais? Desde o primeiro Adão até o Adão de hoje, esta é a perspectiva humana: trabalho e suor, espinhos e abrolhos. Desencadeou-se sobre nós algum dilúvio? Passamos aqueles momentos difíceis de fome e de guerras? A história nos conta tudo isso precisamente para que nos abstenhamos de protesto contra Deus nos tempos atuais. Que terríveis foram aqueles tempos! O simples fato de ouvir ou ler sobre eles não nos faz tremer? Portanto, temos mais um motivo para alegrar-nos de viver neste tempo do que para queixar-nos dele”[17].

Embora existam guerras, epidemias, novas formas de pobreza e perseguição, desde a mais cruel, por parte de fundamentalismos que se dizem religiosos, até as mais refinadas, como laicismos que podem chegar a ser igualmente fundamentalistas – basta pensar nos obstáculos à objeção de consciência em vários países do Ocidente – a confiança em Deus é mais forte do que todas as dificuldades. É uma esperança que nasce do amor e, portanto, não desilude (cf. *Rm 5,5*). Somos chamados a glorificar a Deus no mais profundo do nosso ser, a começar pelo do coração, onde Ele unifica tudo, em uma glória divina, que é o peso do Amor, uma força avassaladora que nos permite dar razão de nossa esperança (cfr. *1. Pe 3, 15*): Cristo vive em nós.

Dezesseis séculos depois de Crisóstomo e Santo Agostinho, São Josemaria lançou um grito cheio de otimismo: “Vocês devem sempre sentir em seu coração este grito, que tenho como esculpido na minha alma: *omnia in bonum*, tudo é para o bem! É São Paulo que nos dá esta doutrina de serenidade, de alegria, de paz, de filiação com Deus: porque o Senhor nos ama como um Pai, e é sapientíssimo e todo-poderoso: *omnia in bonum!* (Cfr. *Rm 8,28*)”[18].

Comentava Dom Álvaro: “Quando o Padre escreveu esta *Instrução*, em 1941, tínhamos acabado de sair da grande tragédia da Guerra Civil Espanhola e a Segunda Guerra Mundial tinha começado. A situação era verdadeiramente apocalíptica: e, na Igreja, pelo comportamento de uns e outros, produziram-se perdas significativas, feridas abertas. A Espanha, que havia saído sangrando e destrocada da guerra civil, estava em perigo de ser envolvida nesse conflito muito maior. O Padre pensava na possibilidade de estar sozinho novamente – como na anterior guerra espanhola – com todos os seus filhos dispersos pelas diversas

frentes de guerra ou detidos em prisões”[19].

Parte da nossa unidade de vida é amar o lugar e o tempo em que Deus nos colocou: é emocionante poder trabalhar e melhorar este mundo, ao mesmo tempo em que temos a cabeça no céu. Criação e redenção se realizam dinamicamente hoje, aqui e agora, sempre que estejamos vibrantes para conhecer e compreender o nosso mundo, amá-lo com otimismo, como fez São Josemaria, que também convidava a deixar de sonhar “falsos sonhos”[20] e fugir de qualquer “mística do oxalá”[21].

No nosso ambiente, tentamos nos mostrar como somos: “Ao apresentar-nos como o que somos, como cidadãos comuns – encarregando-se, cada um, de suas responsabilidades pessoais: familiares, profissionais, sociais, políticas –, não fingimos nada, porque este procedimento não é o resultado de uma tática. É exatamente o oposto: é naturalidade, é sinceridade, é manifestar a verdade da nossa vida e da nossa vocação. Nós somos pessoa *da rua*” [22].

### **Deus nos quer neste mundo**

Atualmente, testemunhamos graves acontecimentos que mostram a ação do demônio no mundo. Apesar de que “cada época da história leva consigo elementos críticos – comenta o Papa – pelo menos nos últimos quatro séculos, as certezas fundamentais que constituem a vida dos seres humanos nunca estiveram tão abaladas como em nossa época (...). É uma mudança que diz respeito à própria forma como a humanidade desenvolve a sua existência no mundo”[23].

Também São Josemaria ao ver aproximar-se essa decadência, proclamava com acentos proféticos: “Soa como um colossal *non serviam* (Jer 2,20) na vida pessoal, na vida familiar, no trabalho e na vida pública. As três concupiscências (cfr. 1 Jo 2,16) – o mundo, o demônio e a carne – são como três forças gigantescas que desencadearam uma impressionante vertigem de luxúria, de presunção orgulhosa da criatura em suas próprias forças e desejo de riquezas. Toda uma civilização está oscilando, impotente e sem recursos morais”[24].

O amor ao mundo não nos impede ver o que não é bom, o que precisa de purificação, o que deve ser transformado. Temos que aceitar a realidade como ela é, tal como se apresenta, com suas luzes e sombras. E isso requer vibrar com as coisas, conhecer os problemas, relacionar-nos com muitas pessoas, ler, ouvir. Para amar a Deus não temos nada melhor do que o mundo em que Ele mesmo nos chamou a viver, confiando sempre na oração que o Filho eleva ao Pai: “Não peço que os tires do mundo, mas sim que os preserves do mal” (Jo 17,15).

Amando este mundo, que é tal como é, e nos serve para a nossa própria santificação e amizade com os outros, iremos a Jesus para melhorá-lo, para transformá-lo, convertendo-nos dia após dia. Nossa Senhora fez Jesus crescer na vida comum de Nazaré. Agora, inteiramente dedicada à sua missão de nossa Mãe, Ela nos ajuda a ponderar cada evento em nosso coração (cfr. Lc 2,51) para descobrir a presença de Deus que nos chama todos os dias. “Nós, filhos – volto a dizê-lo – somos pessoas comuns. E quando trabalhamos nas coisas temporais, nós fazemos isso porque esse é o nosso lugar, onde encontramos Jesus Cristo, onde a nossa vocação nos deixou”[25]. É aí que brilha essa luz da alma, que reflete a

eterna bondade do Senhor. E, com essa luz, Deus ilumina o mundo.

Por: *Guillaume Derville*

Tradução: Mônica Diez

---

[1] São Pedro Crisólogo, Sermão 108: PL 52, 499-500.

[2] São Josemaria, *É Cristo que passa*, 10. Cfr. São Tomás de Aquino, *Sup. Ev. Matt.* (Mt 6, 22).

[3] *Ibidem*.

[4] *É Cristo que passa*, 11.

[5] I. de Celaya, “Unidad de vida”, em *Diccionario de San Josemaria*, Monte Carmelo – Instituto Histórico San Josemaria Escrivá de Balaguer, Burgos 2013, Espanha, 1222.

[6] Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen Gentium* (21-XI-1964), 9.

[7] *É Cristo que passa*, 16.

[8] *É Cristo que passa*, 106.

[9] Concílio Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes* (7-XII-1965), 22.

[10] *Ibidem*, 43.

[11] *Catecismo da Igreja Católica*, 407.

[12] Cfr. São João Paulo II, Ex. Ap. postsinodal *Christifideles laici* (30-XIII-88), 17 e 59.

[13] São Josemaria, *Caminho*, 353.

[14] Francisco, Ex. ap. *Evangelii gaudium* (24-XI-2013), 71.

[15] *Catecismo da Igreja Católica*, 530.

[16] São João Crisóstomo, Homilia, 1-3: PG 52, 427-430.

[17] Santo Agostinho, Sermón Caillau-Saint Yves 2, 92: PLS 2, 441-442, cit. em *Liturgia horarum, lectio* da quarta-feira da XX semana do Tempo Comum.

[18] São Josemaria, *Instrução*, 8-XII-1941, 34.

[19] Bem-aventurado Álvaro del Portillo, nota 48 a *Instrução*, 8-XII-1941, 34.

[20] São Josemaria, *Amigos de Deus*, 8.



[21] São Josemaria, *Entrevistas*, 88. Cfr. S. Sanz, “O otimismo criacional de São Josemaria”, em J. López (ed.) *São Josemaria e o pensamento teológico, Atti del Convegno Teologico*, vol. 1, Edusc, Roma 2014, 230; A. Rodríguez Luño, “San Josemaria e la teologia morale”, em *Ibidem*, 308; “Epílogo. Unidad de vida”, em E. Burkhart – J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaria: estudio de teología espiritual*, vol. 3, Rialp, Madri 2013, 617-653.

[22] São Josemaria, *Carta 19-III-1954*, 27.

[23] Francisco, Discurso, 22-III-2013.

[24] São Josemaria, *Carta 14-II-1974*, 10.

[25] São Josemaria, *Carta 19-III-1954*, 29.

[Voltar ao índice](#)

## Onde Deus quer: criar a unidade de vida (2)

“Porque é Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o executar” (Fil 2, 13). O Senhor é quem unifica nossa vida: viemos dEle e vamos a Ele, e de fato nos acompanha muito de perto em nossa peregrinação terrestre, nosso caminhar *per agrum*, pelo grande campo do mundo (cfr. Mt 13, 38). Jesus Cristo é “*via, veritas et vita*: caminho, verdade e vida” (Jo 14, 6). “Verdade e vida, comenta Santo Agostinho, porque é Deus. E caminho, porque é homem”[1]. Essa realidade nos enche de paz. Em nossa vida, o caminho, alguma vez plano, outras vezes mais acidentado e árduo, não está longe da meta, porque a própria meta já está presente *in spe*, na esperança, a cada passo. Escreve São Tomás que Jesus “é ao mesmo tempo o caminho e o termo. É o caminho, segundo a humanidade; é o termo, segundo a divindade”[2].

Com a Encarnação, o Verbo de Deus “retoma a travessia do deserto humano passando pela morte para chegar à ressurreição, levando consigo toda a humanidade a Deus. Agora, Jesus já não está encerrado em um espaço e tempo determinados, mas seu Espírito, o Espírito Santo, brota dEle e entra em nossos corações, unindo-nos assim ao próprio Jesus e, com Ele, ao Pai, ao Deus uno e trino”[3].

A unidade de vida consiste nesta elevação do humano à ordem sobrenatural. É uma encarnação do divino no humano. Por isso, “***Se aceitamos a nossa responsabilidade de filhos de Deus, devemos ter em conta que Ele nos quer muito humanos. Que a cabeça toque o céu, mas os pés assentem com toda a firmeza na terra. O preço de vivermos cristãmente não é nem deixarmos de ser homens nem abdicarmos do esforço por adquirir essas virtudes que alguns têm, mesmo sem conhecerem Cristo. O preço de cada cristão é o Sangue redentor de Nosso Senhor, que nos quer – insisto – muito humanos e muito divinos, diariamente empenhados em imitá-lo, pois Ele é perfectus Deus, perfectus homo, perfeito Deus, perfeito homem***”[4].

“Se conhecesses o dom de Deus, e quem é que te diz: Dá-me de beber, certamente lhe pedirias tu mesma e ele te daria uma água viva.” (Jo 4, 10). O Senhor mostra à mulher samaritana, na sede, a sua humanidade e, em sua promessa de água viva, sua divindade. “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha sede”, responde a mulher, que começa a vislumbrar que aquele que está falando com ela não é apenas mais um galileu. A samaritana passa da suficiência de quem acha que pode construir sua vida sozinha, ao pedido, balbuciante, do dom de Deus. Só Ele pode saciar a sede de nosso coração: é impossível chegar a Deus sem Deus, se o Espírito não age para que Cristo viva em nós.

### Estar onde Deus quer que estejamos

***“Todo o panorama da nossa vocação cristã, essa unidade de vida que tem como nervo a presença de Deus, nosso Pai, pode e deve ser uma realidade***

**diária[5]**". Já nos primeiros anos da Obra, esta convicção levava São Josemaria, a **"trazer muitas vezes a presença de Deus à tona, em conversas privadas, em palestras públicas, e sempre"**[6] também na sua correspondência: "Para a frente, então! Acima de tudo, na presença de Deus. É muito bom que você se acostume a referir a Ele todas as coisas, e agradecer-lhe por tudo."[7].

Junto à presença de Deus, a essa convicção profunda de que "Deus está junto de nós continuamente"[8], para cumprir os nossos deveres cotidianos é preciso ter essa humildade de ficar no lugar onde Deus nos colocou. Permanecer no nosso lugar, passar despercebido, sendo nós mesmos nas tarefas que os outros esperam de nós. A continuidade, a perseverança, a obediência, esculpem em nós um caráter rijo e maduro.

A partir da experiência da chamada divina a fundar a Obra **apesar dele**, São Josemaria insistia nessa humildade que consiste em querer servir, sem outra ambição que a de secundar a graça divina. Por contraste, descrevia um aspecto pitoresco do afã de mudar sempre de lugar que se dava em certos ambientes eclesiais, bem diferente da autêntica entrega da vida religiosa, que é tão necessária na vida da Igreja: **"Tal é o meu horror a tudo o que suponha ambição humana, ainda que irrepreensível, que se Deus em sua misericórdia quis servir-se de mim, que sou um pecador, para a fundação da Obra, foi apesar de mim. Sabeis que a aversão que sempre tive a esse empenho de alguns – quando não está fundamentado em razões muito sobrenaturais, que a Igreja julga – por fazer novas fundações. Parecia-me – e continua me parecendo – que sobravam fundações e fundadores: via o perigo de uma espécie de psicose de fundação, que levava a criar coisas desnecessárias por motivos que considerava ridículos. Pensava, talvez com falta de caridade, que em alguma ocasião o motivo era o que menos importava: o essencial era criar algo novo e chamar-se fundador"**[9].

### **Coerência na vida de cada dia**

A vocação proporciona um horizonte, e ao mesmo tempo marca um caminho seguro, que se constrói ao longo da vida, dia após dia. Ao começar, não sabíamos o que o Senhor nos pediria, mas desejamos dizer sempre *sim*, fazendo atual a entrega do primeiro dia, quando demos tudo por amor e para sempre, pois "os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis" (Rom 11, 29). A vocação, semente que Deus colocou em nossos corações, irá crescer para dar luz e calor a muitas almas, e chegar a ser uma árvore frondosa. Esta é uma realidade que abraça todo o nosso ser e toda a nossa vida, e a unifica: dá sentido, segurança, harmonia.

A unidade de vida se realiza no lugar onde Deus nos colocou, com as pessoas que temos em volta, sem sonhar com atividades que talvez não combinaríamos com o que somos e devemos ser. São Paulo convida os Tessalonicenses a trabalhar e ganhar o próprio sustento e a que se ajudem a comportar-se desse modo (cfr. 2 Tes 3, 6-15). Essa coerência de vida faz com que, cada um, justamente porque reza e aprofunda no conhecimento dos ensinamentos da Igreja, cumpra seus compromissos: desde comparecer a um encontro mesmo que depois tenha aparecido um plano melhor, até ceder o lugar do ônibus a um idoso, passando por cumprir com nossas obrigações fiscais.

Viver assim é lutar para colocar em prática o convite de Jesus: “Que vosso modo de falar seja: ‘sim, sim’; ‘não, não’. O que passa disto vem do Maligno” (Mt 5, 37). Cristo recomenda um modo de falar: um estilo de vida cristão que se atualiza por meio da presença de Deus, “a atenção respeitosa à sua presença, testemunhada ou desprezada, em cada uma de nossas afirmações”[10], que se concretiza em não mentir nunca, mesmo que, em dado momento, isso pudesse nos tirar de algum aperto. Comportar-nos com dignidade, até quando ninguém nos vê, não desabafar a raiva quando estamos dirigindo ou jogando uma partida de futebol como se fosse normal transformar-nos dessa forma nessas circunstâncias. O Concílio Vaticano II ensina que os batizados devem “cumprir fielmente seus deveres temporais, guiados pelo Espírito do Evangelho (...). Por sua própria fé, estão mais obrigados a cumpri-los, cada um segundo a vocação à que foi chamado”[11].

## Ser apóstolos

Acabamos de viver um ano de misericórdia, guiados pela mão do Papa. Na misericórdia, se manifesta não só a onnipotência de Deus, como também a nossa fé n’Ele. Somente a partir da misericórdia se constrói “a harmonia entre a fé e a vida”[12] como ensina São Tiago na sua epístola: “Se a um irmão ou a uma irmã faltarem roupas e o alimento cotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, mas não lhes der o necessário para o corpo, de que lhes aproveitará?” (Tg 2, 15-17).

“Queridíssimos filhos, todos os dias devem testemunhar o nosso empenho por cumprir a missão divina que nos foi confiada pelo Senhor, pela sua misericórdia. O coração do Senhor é um coração de misericórdia, que se compadece dos homens e se aproxima deles. A nossa entrega ao serviço das almas, é uma manifestação dessa misericórdia do Senhor, não para conosco, mas também para com toda a humanidade. Porque Ele nos chamou para nos santificarmos na vida corrente, diária, e para que mostremos aos outros – *providentes, non coacte, sed spontanee secundum Deum* (1 P 5, 2), de forma prudente, sem coação, espontaneamente segundo a vontade de Deus – o caminho para santificar-se no meio do mundo, cada um no seu lugar”[13].

A misericórdia nos leva a desejar o melhor para os outros e, por isso, a reforçar a formação humana e cristã de todos, de modo que, tanto quanto possível, evitem caminhos que devastam a vida das pessoas, como as drogas, o divórcio, o aborto, a eutanásia. Por outro lado, o otimismo sobrenatural nos leva a valorizar o bem que existe em cada alma em vez de reparar nos seus defeitos. “Não gosto de falar de pessoas más e pessoas boas: eu não divido os homens em bons e maus”[14]. Esse olhar nasce do amor que o Espírito Santo põe em nossas almas. Comentando o *Mandatum novum*, nosso Padre nos dizia: “Vós, meus filhos, ponde-o sempre em prática, levando com alegria os defeitos das pessoas que tiverdes ao vosso lado. Não vos comporteis como o escaravelho do estrume, que molda entre as patas uma bola de excrementos e depois a põe às costas. Sede como a abelha, que vai de flor em flor à procura de tudo quanto há de bom escondido em cada uma, para o converter em doce mel, em manjar saboroso, que se manifeste nos vossos irmãos como o bom odor da santidade. Numa palavra, querei-vos, querei-vos muito!”[15].

Como cristãos, somos conscientes de que temos *uma* missão: transformar o mundo para a glória de Deus. “É a hora de dar espaço à imaginação a propósito da

misericórdia para dar vida a muitas obras novas, fruto da graça. A Igreja precisa anunciar hoje aqueles “muitos outros sinais” que Jesus realizou e que “não estão escritos” (Jo 20, 30), de modo que sejam expressão eloquente da fecundidade do amor de Cristo e da comunidade que vive d’Ele”[16]. Este horizonte apostólico que nos une não é extrínseco a nós: nosso Padre falava não tanto “de fazer apostolado, quanto de *ser apóstolos*”[17], e acrescentava que o apostolado é “uma orientação permanente da alma (...), uma disposição do espírito que tende, por sua própria natureza, a impregnar toda a vida”[18]. O verdadeiro apostolado não se reduz a umas determinadas tarefas, nem reduz as pessoas a objetivos: é o Amor de Deus que se expande por meio de nossa vida, com a consciência de que é cada pessoa que deve realizar a própria vocação e descobrir o seu potencial, com a sua entrega livre e alegre.

### **A formação plenamente cristã**

A formação que a Obra oferece tem como ponto de partida uma visão unitária da mensagem cristã. Dessa forma, fica mais fácil conseguir a autêntica unidade de vida em Cristo, acolhendo com alegria a graça de Deus. O *Catecismo da Igreja Católica* é uma boa referência dessa visão unitária: nele, as “quatro partes se articulam entre si: o mistério cristão é o objeto da fé (primeira parte). É celebrado e comunicado por meio de ações litúrgicas (segunda parte). Está presente para iluminar e sustentar os filhos de Deus no seu agir (terceira parte) e é o fundamento de nossa oração, cuja expressão principal é o “Pai-Nosso”, que expressa o objeto de nossa súplica, nosso louvor e nossa intercessão (quarta parte)”[19]. Doutrina, vida litúrgica, vida espiritual e vida moral são inseparáveis. Jesus Cristo é “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6), por isso a verdade não somente ilumina, mas também estimula, guia e impulsiona: é alimento (Cfr. Salmo 23) e é doutrina de salvação.

Deus escolheu São Josemaria para que fundasse o Opus Dei no seio da Igreja[20], e aí ele o encarnou com a sua vida. Esse espírito, que é de Deus, cresce agora entre seu Povo por meio dos filhos e filhas do Fundador da Obra. Por isso, a formação se desenvolve inserida nessa estrutura unitária: Sagrada Escritura, Tradição apostólica (Os Padres da Igreja), Magistério eclesial (especialmente o *Catecismo da Igreja Católica* e o Magistério do Papa), liturgia (sacramentos), oração; vida dos santos. Com o fundamento meditado da vida e dos ensinamentos de São Josemaria, a formação recebida pelas pessoas da Obra, leva-as a relacionar as diferentes dimensões da sua fé e da sua vocação, a compreender e a apresentar o espírito do Opus Dei a partir da Escritura, da Tradição e do Magistério. Dessa forma, é transmitida uma mensagem incisiva que se desenvolve no mesmo *humus*, na mesma terra fecunda em que São Josemaria *viu* e compreendeu a Obra.

A formação é aberta porque surge da oração e da vida real, que está composta de lutas, acompanhadas pela graça de Deus, numa grande variedade de incidências e situações. O Decálogo “unifica a vida teológica e a vida social do homem”[21]. Dessa forma, por exemplo, “a pessoa casta mantém a integridade das forças de vida e de amor em si depositadas. Esta integridade garante a unidade da pessoa e opõe-se a qualquer comportamento suscetível de ofendê-la. Não tolera nem a duplicidade da vida, nem a da linguagem (cfr. Mt 5, 37)”[22]. E podemos dizer o mesmo sobre as outras virtudes que conformam a existência cristã. Toda a vida da nossa Mãe, a Virgem Maria, esteve marcada por essa unidade de vida. Por isso, ao

pé da Cruz, ela repete o *fiat* da Anunciação.

A Obra nasceu e se estende com a finalidade de servir a Igreja e contribuir em sua edificação: queremos tornar Cristo presente entre os seres humanos. Tudo se reconduz a Jesus: na nossa tarefa de evangelização “é de Cristo de quem temos que falar, e não de nós mesmos”[23]. Assim levamos as pessoas a Cristo, sustentadas pelo nosso plano de vida, presença amorosa de Deus Uno e Trino. “Quem permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15, 5).

*Por: Guillaume Derville*

*Tradução: Mônica Diez*

---

[1] Cfr. Santo Agostinho, *Sermo* 341, 1, 1: PL 39, 1493.

[2] São Tomás de Aquino, Comentário sobre o evangelho de São João (Cap. 14, lec. 21), em *Liturgia horarum, Lectio* do sábado da IX semana do tempo comum.

[3] Bento XVI, *Discurso*, 21-III-2009.

[4] São Josemaria, *Amigos de Deus*, 75.

[5] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n.11.

[6] São Josemaria, *Anotações íntimas*, 1160 (16-III-1934), em *ibidem*, 478.

[7] São Josemaria, Carta para Luis de Azúa (5.VIII.1931), citada em J.L. González Gullón, *DYA. La Academia y Residencia en la historia del Opus Dei (1933-1939)*, Rialp, Madrid 2016, 242.

[8] São Josemaria, *Caminho*, 267.

[9] São Josemaria, *Carta 9-I-1932*, 84 (cfr. A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, tomo I, Rialp, Madrid 1997, 318).

[10] *Catecismo de la Iglesia Católica*, 2153.

[11] Concilio Vaticano II, *Gaudium et spes*, 43.

[12] São João Paulo II, Enc. *Veritatis splendor* (6-VIII-1993), 26.

[13] São Josemaria, *Carta 24-III-1930*, 1 (citado parcialmente em A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, tomo I, Quadrante, São Paulo, 2004, 275 e P. Berglar, *Opus Dei. Vida y obra del Fundador Josemaría Escrivá de Balaguer*, Rialp, 2ª ed., Madri 1987, 96).

[14] São Josemaria, *Instrução*, 8-XII-1941, 35.

[15] São Josemaria, *Enquanto nos falava pelo caminho*, 351 (AGP, biblioteca, P18).

[16] Francisco, Carta apostólica *Misericordia et misera* (20-XI-2016), 18.

[17] “Trabajo, santificación del”, em *Diccionario de San Josemaría*, Monte Carmelo - Instituto Histórico San Josemaría Escrivá de Balaguer, Burgos 2013, 1206.

[18] *Ibidem*, 1207.

[19] São João Paulo II, Constituição Apostólica *Fidei Depositum* pela que se promulgou o Catecismo da Igreja Católica- 11-XII-1992

[20] Cfr. oração coleta da Missa de São Josemaria.

[21] *Catecismo da Igreja Católica*, 2069.

[22] *Catecismo da Igreja Católica*, 2338

[23] São Josemaria, *É Cristo que passa*, 163

[Voltar ao índice](#)

[www.opusdei.org](http://www.opusdei.org)